

A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA METÁFORA DO CONDUTO: TRANSMISSÃO VERSUS INTERPRETAÇÃO DA MENSAGEM

Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado
Universidade Federal de Santa Catarina
gisele.orgado@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar algumas das diferentes interpretações que podemos obter ao recebermos uma mensagem emitida através de uma metáfora. Para tanto, pretendo abordar a linguagem como meio de comunicação e a própria metáfora em si, focalizando a metáfora do conduto, defendida por Michael J. Reddy (1979), como um canal transmissor de idéias e pensamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Interpretação. Metáfora do conduto.

ABSTRACT

The goal of this article is to present some of the different interpretations we can obtain when receiving a message in the form of a metaphor. For that purpose, I intend to dissert about language as a mean of communications and the metaphor itself, focusing the Conduit Metaphor, as proposed by Michael J. Reddy (1979), as a manner for transmitting ideas and thoughts.

KEYWORDS: Language. Interpretation. Conduit metaphor.

A LINGUAGEM E A COMUNICAÇÃO

A linguagem foi uma das maneiras encontradas pelos seres para estabelecer comunicação. Utilizada a todo e qualquer instante, seja para trabalhar, estudar, negociar, planejar, fazer rir ou chorar, informar ou se fazer entender — ou pelo menos tentar —, a linguagem é fundamentalmente usada com propósitos sociais. As línguas não existiriam se não fosse pelas atividades sociais das quais elas são instrumento.

O uso da linguagem, seja ela falada, escrita, sinalizada ou mesmo gestual, é uma forma de ação conjunta, que surge quando locutores e co-locutores desempenham suas ações de maneiras individuais, porém em coordenação entre si. Logo, podemos dizer que a linguagem incorpora tanto processos individuais bem como processos sociais, pois falantes — ou

escritores — e ouvintes — ou leitores —, devem executar suas ações na condição de indivíduos, se quiserem obter sucesso em seu uso da linguagem, porém trabalhando juntos, como participantes nas unidades sociais — ou conjuntos.

Na linguagem humana, os significados só podem ser compreendidos plenamente se analisarmos conjuntamente contexto e interlocutores. Se partirmos do pressuposto de que para haver, de fato, a comunicação através da linguagem, e que esta depende conjuntamente de ambas as partes individualmente, concluiremos que se uma destas partes não executar adequadamente o seu papel, a comunicação apresentará uma falha, que certamente acarretará na interrupção do que a linguagem se propõe: um entendimento comum entre o significado do falante e a compreensão do interlocutor ao qual se destinou.

Se existe esta possibilidade de falha interpretativa em uma comunicação direta e objetiva, imagine o que aconteceria se utilizássemos maneiras indiretas de comunicação, se adotássemos outros termos ou expressões imaginativas para nos referir ao que quiséssemos, fazendo com que nosso interlocutor fosse forçado a decifrar a mensagem original.

É o que acontece quando fazemos uso da metáfora no processo de comunicação, pois a metáfora é construída através de uma transferência de sentido. As metáforas comunicam indiretamente. Trata-se de um método de linguagem que consiste em fazer uma substituição por analogia. Metáforas simples fazem simples comparações, enquanto metáforas complexas apresentam diversos níveis de significado, revelando elementos ocultos que vão além do consciente para se poder perceber e utilizar. Quando alguém faz uso de uma metáfora complexa, incita o interlocutor a buscar relação entre o que está sendo dito e o que aquilo significa. É preciso que se saiba o sentido literal daquilo que foi dito, para que se entenda o sentido metafórico que está sendo adotado.

O USO DA METÁFORA

Até meados do século XX, a metáfora foi considerada como simples figura de estilo. Conceituada, sob perspectiva retórica, como a arte de persuadir os ouvintes mediante o uso de um discurso primoroso. Relacionada basicamente à linguagem literária ou poética, acreditava-se que não passava de um adorno, um enfeite da linguagem, porém sem função contextual e desprovida de valor cognitivo. Era uma linguagem figurada, associada à imaginação e contrária ao que seria a linguagem das verdades científicas e filosóficas: a linguagem literal.

Hoje, sabe-se que a metáfora está na base de muitos enunciados sobre a linguagem, tratando-se de um mecanismo lingüístico indispensável. É uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento, presente em toda ação do processo de comunicação entre as pessoas. Sua interpretação exige uma atenção maior, que envolve não só a capacidade de interpretação das pessoas, como também o desenvolvimento do raciocínio analógico.

Para George Lakoff e Mark Johnson, em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2000), os processos do pensamento humano, bem como a linguagem, são amplamente metafóricos, estando a metáfora presente por toda parte. Por isso, só é possível entender uma metáfora em um enunciado devido ao fato desta fazer parte do sistema conceitual das pessoas, que por sua vez é evidenciado por meio da linguagem.

Podemos dizer que as metáforas são um meio particularmente compacto de comunicação, mesmo na expressão de idéias complexas. São formas de expressar idéias que dificilmente seriam expressas literalmente, além do fato de que podem carregar mensagens imagéticas mais detalhadas e ricas de nossas experiências pessoais, o que facilita sua compreensão, memorização e posterior recuperação. “Em termos mais específicos, a metáfora pode ser vista como um processo cognitivo por meio do qual o locutor utiliza a denominação de um elemento pertencente a um domínio conceitual para referir-se a outro elemento pertencente a um domínio distinto do primeiro [...]” (GRIMM-CABRAL 1994, 2000 *apud* CARVALHO & SOUZA 2003, p.32).

Assim, o que temos é a criação de uma maneira de compreender o primeiro elemento, que transfere para si características do segundo, e estas características passam a ser elementos constitutivos de nossa visão sobre aquele assunto.

A verdadeira construção metafórica foge à relação usual que existe entre imagem e conceito. É preciso que a palavra seja deslocada de sua significação literal. Feito isso, coloca-se a palavra dentro do contexto ao qual ela se refere, ou seja, dentro de um contexto do sistema de conotações que a envolvem. Então, dá-se à palavra significado metafórico mais adequado à situação. Dentro de contextos variados, uma palavra pode evocar significados novos e até mesmo inesperados.

Só não devemos nos esquecer de que fazer uso de metáforas implica correr alguns riscos, pois não se tem controle de sua compreensão pelo ouvinte ou leitor. Não há garantias de que a mensagem será interpretada exatamente como foi intencionalmente proposta.

Uma das características da metáfora é o ato de revelar, ao mesmo tempo em que oculta, a mensagem transmitida. Elas são sempre parciais e fogem da literalidade, delegando

ao receptor a interpretação da mensagem. Seu objetivo é, portanto, criar uma ilusão ao apresentar uma determinada situação sob um aspecto novo.

[...] a metáfora é um eclipse solar. Ela esconde o objeto de estudo e, ao mesmo tempo, revela algumas de suas características mais salientes e interessantes, quando vista através do telescópio adequado. (PAIVIO & WALSH 1993 apud SOUZA 2004, p.53).

Ou seja, as metáforas podem adotar várias formas, dependendo do efeito que se deseja, do conteúdo que se quer transmitir e principalmente do interlocutor a que se destinam.

METÁFORA E CULTURA NA TRADUÇÃO

Assuntos relacionados aos Estudos da Tradução (ET) apresentam, quase sempre, grande quantidade de particularidades, e estas acabam por se tornar fonte de elementos de reflexão para o tradutor que se propõe a percorrer o caminho entre dois mundos: lingüístico e cultural, quase sempre bastante distintos entre si.

O leigo tende, por vezes, a supor que traduzir se trata de um processo mecânico, no qual o tradutor, experiente em ambas as línguas, simplesmente deve substituir palavras e expressões da Língua Fonte (LF) por equivalentes na Língua Alvo (LA). Talvez essa definição pudesse até ser verdadeira quando se trata unidades isoladas de manuais técnicos, por exemplo, que possuem terminologia específica e, provavelmente, não necessitariam de consideração cultural a respeito. Mas quando se trata de literatura, há uma série de importantes decisões a serem tomadas. E estas vão muito mais além que bons dicionários das línguas implicadas.

Se o foco de abordagem em tradução literária for algo mais específico, como é o caso da metáfora, teríamos que aprofundar ainda mais nossos estudos, pelas particularidades que este tópico apresenta.

A metáfora, como parte essencial da comunicação, sempre foi amplamente discutida dentro dos ET, principalmente no que diz respeito aos métodos de tradução. Algumas vezes a metáfora pode vir a se tornar um problema para a tradução, já que o diálogo entre LF e LA, pode ser dificultado por diferenças lingüísticas e culturais intrínsecas.

Quando se faz uma tradução literária, há determinadas situações em que uma unidade lexical contém tamanha quantidade de informações culturais, que torna-se necessário rever

todo o contexto, para que a mesma não perca seu sentido, ou mesmo seu impacto, quando traduzida para outra língua.

Se no caso de uma única unidade lexical essa dificuldade já pode tornar-se um elemento que exige imensa consideração, quando se trata de metáforas, a complexidade pode eventualmente tornar-se ainda maior, pois se somaria aos problemas inerentes a toda e qualquer tradução.

Algumas metáforas são tão amplamente difundidas que emergem em diversas línguas. Outras, no entanto, apesar de sua similaridade, possuem significados completamente distintos. Existem ainda, casos em que são incompreensíveis, pois certos jogos metafóricos presentes na língua de origem não possuem equivalentes na língua de destino.

Como soluções alternativas à proposta de reproduzir a metáfora, diversos procedimentos de tradução são apresentados, como é o caso, por exemplo, das possibilidades adotadas sob a perspectiva descritiva (VAN DEN BROECK, 1981 *apud* SCHÄFFNER, 2004, p.1256), que seriam a tradução *stricto sensu* - ou a tradução literal; a substituição – na qual se faz a opção por alguma metáfora com sentido similar; e a paráfrase – a qual sugere a tradução por uma expressão não necessariamente metafórica.

Sabemos, no entanto, que quase sempre não é possível traduzir literalmente uma palavra de uma língua para outra e manter, ainda assim, seu sentido original. Em determinadas situações, se nos ativéssemos ao texto literalmente como foi escrito em seu original, achando que com isso estaríamos respeitando e sendo fiéis à fonte, não lograríamos êxito em transmitir a imagem à qual a metáfora se propôs.

Em alguns casos, não é incomum se optar pelo extremo de simplesmente excluir determinada parte do texto, ou então reproduzir a metáfora como no original e adicionar algum tipo de explicação ao texto, ainda que sob a forma de nota de rodapé, ou mesmo transformá-la em uma situação completamente nova, adaptada ao leitor a que se destina.

A tradução de metáforas em um contexto literário é uma atividade complexa, pois estas tendem a transcender barreiras culturais. Elementos lingüísticos e culturais estão intrinsecamente ligados, e por isso a metáfora traduzida só será compreendida pelo público-alvo se for considerado o seu contexto cultural. “O fenômeno da metáfora freqüentemente tem sido motivo de preocupação entre os estudiosos da tradução, que discutem sobre os problemas de se transferir metáforas de uma língua e cultura para outra”. (SCHÄFFNER, 2004)

Lakoff e Johnson (2002) apontam que nossos pensamentos e ações são regidos por metáforas, e que estas são uma forma de compreender o mundo, nossa cultura e nós mesmos. E estes valores individuais, se considerados particularidades culturais, podem interferir nos

conceitos metafóricos e em expressões lingüísticas criadas a partir destes. Conseqüentemente, o resultado seria a obtenção de diferentes significados, decorrente da variação cultural inculcada na individualidade de cada cultura.

Cada cultura é única e apresenta suas próprias idiossincrasias. Logo, cada cultura tende a estruturar suas próprias formas de pensar e agir. Por isso, o fator cultural é de grande importância na criação e na manutenção das metáforas que estruturam o pensamento humano.

Para se trabalhar com tradução, é preciso muito mais que compatibilidade estrutural de palavras ou expressões lingüísticas. O tradutor enfrenta grandes interrogações também ao interpretar as diferenças no estilo, no modo como o autor escreve, pois isso reflete, quase sempre, diferenças na perspectiva cultural e em modos de pensar. Conseqüentemente, o que pode parecer óbvio para um indivíduo situado no seio de uma cultura, pode não ter qualquer significado para outro.

Diferenças culturais entre LF e LA, bem como entre as cultura-fonte e cultura-alvo, são freqüentemente mencionadas como problemas para a tradução de metáforas. Ao tradutor cabe a responsabilidade da escolha a se fazer - seja pela tradução literal, pela substituição por uma metáfora correspondente, pela paráfrase, ou por qualquer outra opção -, pois antes de qualquer coisa, o tradutor é um leitor, e como tal, tem a sua própria interpretação. “Interpretar não é traduzir. Mas traduzir é interpretar”. (ECO, 2007)

Quando se trabalha com tradução, é primordial que se tenha conhecimento do público alvo e o objetivo ao qual esta se destina, para que se saiba como lidar com conteúdos que não são ditos, mas são subentendidos. Traduzir é uma via de mão-dupla. São idas e vindas que se fazem entre a origem e o processo final, onde o interlocutor destinatário é parte fundamental na interpretação da mensagem metafórica, e assim sendo, seria ele um mero receptor de significados, não havendo qualquer participação sua na transmissão da mensagem? É o que veremos a seguir, no conceito da metáfora do conduto de Michael J. Reddy, no livro *A Metáfora do Conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem* (2000).

A METÁFORA DO CONDUTO: PRÓS E CONTRAS

No estudo proposto por Reddy, comunicar consiste especificamente em transmitir e, dentro disso, a linguagem é um canal, ou um conduto, para o envio de idéia, pensamento e sentimento. É o que ele chama de *metáfora do conduto*.

Reddy estima que 70% da linguagem usada para conversação sejam baseadas nestas metáforas. Em seu livro, cita um grande número de exemplos de que quando nos comunicamos, utilizamos, ainda que despercebidamente, a metáfora do conduto.

Neste tipo específico de metáfora, as expressões lingüísticas são como recipientes onde colocamos as idéias e todo tipo de informações, estas idéias e os significados são objetos ou coisas, e a comunicação lingüística seria o envio e a recepção de pacotes de informação através de um duto, um canal condutor.

Comunicar nada mais seria que transportar. Há uma idéia de origem A e destino B, em que as palavras são objetos — que são passíveis de serem carregados —, e estes objetos carregam mensagens, que são cargas. Neste conjunto, a palavra adota o papel do próprio conduto/canal, que faz a ligação entre A e B. A informação estaria dentro das palavras e seria transmitida fisicamente do emissor — falante ou escritor — para o receptor — ouvinte ou leitor.

Basicamente a idéia seria a codificação/decodificação de conceitos, em que falante e ouvinte não necessitariam de qualquer habilidade comunicativa. Nessa abordagem, o modelo de código atuaria como um conjunto de regras e sinais conhecidos por todos, formando assim um contexto único. Logo, esta metáfora não leva em consideração o mundo social nem o fato de que os sujeitos são indivíduos que agem discursivamente nas relações sociais que estabelecem.

De acordo com essa visão, o conhecimento é uma substância que preenche nossos cérebros, e que pode ser acumulada e transmitida de um cérebro a outro através do canal das palavras. O conhecimento, portanto, seria algo que existe fora de nós, mas que poderia ser adquirido e passaria, assim, a nos pertencer. Resumindo, diríamos que o conhecimento é uma substância que se adquire e se transmite.

Porém, segundo suas próprias experiências, Reddy afirma não ser imprescindível que se faça uso da metáfora do conduto para haver a comunicação, mas que se desejássemos falar tentando evitá-la, enfrentaríamos sérias dificuldades lingüísticas, pois teríamos que falar cuidadosamente, com atenção constante, o que geraria um gasto de energia muito maior do que o necessário, além do quê, seria preciso criar uma nova linguagem à medida que fôssemos reestruturando nosso pensamento. Ainda assim o resultado seria um vocabulário pouco idiomático. Na prática, se tentássemos evitar todas as expressões óbvias da metáfora do conduto, ficaríamos quase sem palavras para nos expressar, além do fato de que a mensagem dificilmente teria o mesmo impacto significativo.

Lakoff e Johnson explicam em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2000) que é consequência da sistematicidade das metáforas que as pessoas passem a considerar real o que é metafórico e que percam de vista características fundamentais da noção que a metáfora pretende explicar. Existem metáforas tão convencionais, incorporadas de tal maneira à nossa comunicação do dia-a-dia e com as quais já estamos tão familiarizados, que não exigem qualquer esforço de nossa parte para a compreensão e processamento, como se fossem mesmo a linguagem dita literal. Em determinadas situações fica até mesmo difícil distinguir algo encoberto pela metáfora, acreditando-se, por vezes, nem se tratar de uma.

Para estes estudiosos, a metáfora do canal oculta aspectos do processo comunicativo, justamente pelo modo como apresenta sua teoria conceitual, forçando explicações falsas sobre a natureza da linguagem. Segundo eles, não é possível supor que as expressões sejam recipientes de significados, na medida em que isso implicaria dizer que as expressões têm significado em si, independentes de qualquer falante e de qualquer contexto; nem é razoável supor que os significados sejam objetos, existentes fora das expressões a que se associam. Estes conceitos podem até ser válidos em determinadas situações, em que as diferenças contextuais são irrelevantes e os agentes compreendem as sentenças de um mesmo modo, mas não poderiam ser aplicados em situações às quais o contexto é determinante para a frase ter ou não significado, e tendo, qual este seria.

Sendo assim, o processo de comunicação social via metáfora do conduto apresenta, então, um problema consideravelmente expressivo, por não levar em conta a natureza do emissor e receptor em suas capacidades de conhecimento, necessidades ou interesses. Os agentes envolvidos na comunicação são minimizados em suas capacidades cognitivas, vistos meramente como codificadores e/ou decodificadores de sinais. A relação entre eles, na complexidade e pluralidade de seus interesses e concepções, é desconsiderada, assim como é negligenciada a discussão acerca do contexto em que se verifica a comunicação. Neste modelo reducionista, os interlocutores não passariam de meros receptáculos passivos, cujo único trabalho seria retirar as informações dos recipientes, bastando para que as idéias fossem transmitidas, o simples conhecimento do código adotado. O próprio Reddy admite que se fôssemos capazes de enviar diretamente nossos pensamentos uns aos outros, haveria pouca necessidade de um sistema de comunicação.

É fato que ninguém recebe os pensamentos ou as idéias de alguém diretamente em suas mentes quando está se comunicando através da linguagem. A linguagem, na verdade, ajuda uma pessoa a construir, a partir de seu próprio repertório, uma idéia semelhante à dos pensamentos da outra pessoa. “A construção do significado não é feita a partir do texto, num

processo de extração, mas a partir do leitor, que não extrai do texto, mas atribui a ele um significado” (LEFFA, 1999 *apud* SOUZA, 2004, p. 57).

E se falar e ouvir são ações participativas, interdependentes e ultrapassam a mera transferência física de pensamentos e sentimentos, poderíamos dizer então que, ao contrário do que se defende na metáfora do conduto, o processo comunicativo pode ser comparado a uma construção, pois nesta situação o significado não estaria mais contido dentro das palavras ou no texto, mas seria construído, essencialmente, na interação dos comunicantes.

Tal formulação traz algumas implicações tanto para o papel do ouvinte/leitor quanto para o do falante/escritor. Aquele deixa de ser um receptor passivo e passa a ativo construtor de seu próprio conhecimento; este deixa de ser o detentor e transmissor do saber, passando a ser aquele que ajuda na construção, um facilitador do processo de comunicação.

É o ouvinte/leitor quem passa a projetar seus esquemas cognitivos sobre as marcas textuais que percebe no discurso do outro, emprestando-lhes, assim, uma coerência e um significado. Tais significados podem inclusive não ser — e provavelmente não serão — os mesmos daqueles pensados pelo falante ou escritor com quem interage, e o que é construído a partir do uso da linguagem difere de construtor para construtor.

Podemos dizer que “a metáfora se torna uma espécie de jogo ótico: faz aparecer, em um objeto, diversos aspectos diferentes — logo, diversos objetos —, segundo a mudança do ângulo de visão” (ROUSSET, 1976 *apud* OLIVEIRA, 2001).

Reddy também faz comparação à metodologia da construção em seu livro, ainda que para exaltar a relevância da metáfora do conduto. Ele dá explicações através do processo que nomeou *o paradigma dos construtores de instrumentos*, o qual utiliza para expor como se dá, de fato, a comunicação entre os humanos, e como essa comunicação seria desgastante e sujeita a falhas de interpretação.

Partindo desse princípio, pressupõe-se que a metáfora do conduto, em que a mensagem percorre um canal a partir de uma origem, com códigos prontos para serem decodificados em um destino, não deveria apresentar erros ou falhas, pois bastaria que o receptor extraísse do recipiente o seu conteúdo para que houvesse êxito na comunicação.

Sob esta ótica, na metáfora do conduto, as diferenças de interpretação que eventualmente poderiam surgir em uma comunicação, são sempre qualificadas como algo problemático. Se houver a necessidade de uma explicação, houve, conseqüentemente, uma falha no processo comunicativo, pois o sucesso deveria ser algo automático.

Em contrapartida, se a linguagem simplesmente transfere o pensamento de uma pessoa para outra, faz-se necessária uma dedicação muito mais cuidadosa ao processo de inserção de

significados. Por exemplo, suponhamos que o emissor não seja, necessariamente, uma pessoa de boa eloquência, ou simplesmente não consiga se expressar, com palavras, sobre o que tem em mente. Nesse caso, ele poderia falhar na hora de dar significado ao contexto. Pode não dar significados que sejam suficientes à compreensão, ou, por outro lado, dar significados em excesso, dificultando do mesmo modo. Ou ainda, colocar significados corretos em lugares errados, ou, inversamente, pôr significados errados onde estes não caberiam.

Da mesma forma, a falha na comunicação poderia ocorrer também não por conta do falante, mas sim do ouvinte, que poderia, de algum modo, se equivocar ao receber a mensagem. É o que aconteceria se o receptor inserisse, por exemplo, pensamentos próprios nas palavras, quando deveria limitar-se exclusivamente à sua tarefa, que é a de extrair o significado das mesmas.

Reddy acredita, no entanto, que na maioria das vezes, em situações como estas acima citadas, é mais fácil culpar o falante pela falha na comunicação. Isso porque se, de acordo com a metáfora do conduto, a comunicação é simplesmente transportar, nesse processo, o que seria mais simples e fácil que receber e abrir um *pacote*? Mas se o receptor não tiver, por exemplo, o mesmo repertório que o emissor, como faria pra decodificar essa mensagem? Então a culpa aí não seria precisamente de quem emite a mensagem, mas sim de quem a recebe.

Vemos então que, embora se tratando de simples transmissão de mensagens, a metáfora do conduto não está livre da divergência de interpretações. De uma forma ou de outra, todos esses processos poderiam sofrer uma interpretação errônea do propósito inicial, de modo que deduzimos ser fundamentalmente importante uma comunicação mútua, com a participação de ambas as partes, e não somente um *enviar-transportar-receber* de mensagens.

No entanto, se pensarmos que a interpretação depende de uma construção a partir do interlocutor, o desvio interpretado em casos onde há a metáfora não deve ser considerado um erro, uma vez que o que houve foi uma substituição de um sentido por outro dentro de um contexto específico e com uma função comunicativa também específica; trata-se de um desvio contextualmente funcionalizado. Esse desvio ocorrerá sempre que o enunciador sentir a necessidade de chamar a atenção de seu ouvinte de modo especial para sua mensagem. Para impressionar o ouvinte/leitor e conseguir o efeito de sentido que pretende, é preciso que seja afastado o modo comum de dizer.

“Entretanto, deve-se levar em conta que o sentido pretendido pelo locutor por meio de uma construção metafórica pode não ser percebido e construído pelo interlocutor, uma vez que os elementos envolvidos nos domínios fonte e alvo decorrem das experiências pessoais.

Contudo, este aspecto depende do tipo de metáfora produzido. Quanto mais convencional for a metáfora em questão, mais se aproximam os processos de produção e compreensão e menos importantes se tornam o contexto e a situação no processo de construção de sentido” (GIBBS, 2002; GIORA, 2002, 2003; GIORA & FEIN, 1999; SOUZA, 2003 *apud* CARVALHO & SOUZA, 2003, p.32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer deste trabalho, a metáfora está mais do que incorporada ao nosso meio, seja na escola, no trabalho ou no cotidiano de uma maneira generalizada. Não há como fugir a sua presença, e isso seria até mesmo um contra-senso, uma vez que há muito mais vantagens que possíveis desvantagens em seu uso. Apesar de não ser esta a função específica da metáfora, vale ressaltar que além de aumentar nosso repertório comunicativo, ela nos dá também uma possibilidade bem mais ampla de expressão através de outras palavras, expressões lingüísticas ou termos diversos.

Se Michael J. Reddy foi um dos precursores ao abordar a metáfora do conduto nos estudos lingüísticos, após ele vieram tantos outros, ora confirmando sua tese, ora — e principalmente — refutando. É promissor ver que o assunto foi e continua sendo muito explorado e debatido. Pode ser que, futuramente, tenhamos uma conclusão sem tantos conflitos teóricos acerca do tema.

Durante a elaboração deste artigo, não tive a pretensão de defender este ou aquele ponto de vista sobre a metáfora do conduto na nossa linguagem — embora por vezes tenha demonstrado um parecer favorável à participação subjetiva de um processo interpretativo. O tema é muito extenso e divergente, e talvez por isso também, muito interessante. A proposta era tão somente a de apresentar os diferentes conceitos dados a um mesmo tema, seus fundamentos e justificativas. Espero, no entanto, que as informações aqui contidas sirvam de parâmetro para se chegar a interpretações próprias, seja ao *transportar* algum significado para os leitores, ou ao instigar estes a *construir* seus próprios entendimentos e conceitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. L. T. A educação formal e as metáforas do conhecimento: a busca de transformações nas concepções e práticas pedagógicas. *Ciências & Cognição*. Universidade Federal Fluminense -UFF, Rio de Janeiro, v. 6, p. 12-25, 2005

CARVALHO, M. B. & SOUZA, A. C. As metáforas e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. *Fragmentos*, n. 24, p. 29-44, 2003.

CLARK, H. H. O uso da linguagem. Tradução de Nelson de Oliveira Azevedo e Pedro M. Garcez. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.9, p. 55-80, 2000.

ECO, U. *Quase a mesma coisa*. 1. ed. Record, 2007.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da Vida Cotidiana*. 1. ed. Mercado das Letras, Campinas, 2002, p. 53-57.

OLIVEIRA, A. L. M. Do emblema à metáfora. Breve abordagem do visualismo patético seiscentista. *Cadernos do CNLF* (Congresso Nacional de Linguística e Filologia) - Contribuições da Literatura aos Estudos Lingüísticos e Filológicos; CiFEFiL - Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, s.V, n.5, 2001.

QUEIROZ, S. R. B. *O Papel do Docente no Desenvolvimento da Leitura Crítica*. Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP, 2007.

REDDY, M. J. The conduit metaphor - A case of frame conflict in our language about language. In. A. Ortony (Ed.), *Metaphor and Thought*. 1.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 284-297.

_____. A metáfora do conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem. Tradução de Ilesca Holsbak, Fabiano B. Gonçalves, Marcela Migliavacca e Pedro M. Garcez. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 9, p. 1-54, 2000.

SAMPAIO, I. S. V. Conceitos e Modelos da Comunicação. *Ciberlegenda*, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense - PPGCOM/UFF, n.5, 2001.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and Translation: some implications of a cognitive approach. *Journal of Pragmatics*, v. 36, p.1253-1269, 2004.

SOUZA, A. C. *Leitura, Metáfora e Memória de Trabalho: três eixos imbricados*. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, p. 51-64, 2004.